

# O ALFAIATE LISBOËTA

---

OPICINA  
DO LIVRO







É difícil identificar com precisão o momento em que tudo isto começou, mas é muito fácil lembrar-me do motivo. Tudo isto começou porque queria escrever um livro. Tudo isto começou porque um dia me dei conta de que entre família, trabalho e amigos me faltava algo. Tudo isto começou porque me sentei um dia à secretária e jurei a mim mesmo que o meu texto mais longo não seria um postal de viagem ou uma qualquer dissertação metafísica dos tempos de estudante.

Começou porque queria publicar um livro de crónicas. Começou pelas palavras. As fotografias vieram mais tarde pela sugestão de um amigo que me mostrou o meio mundo que andava a fotografar a outra metade por essas ruas fora, mas a fotografia na minha vida não é mais que uma forma de chegar às pessoas. Uma forma de lhes tocar. Tenho as paredes do meu quarto literalmente forradas com fotografias de viagens. E em todas elas há pessoas. Não tenho retratos de planícies verdes ou de monumentos imponentes.

Pessoas, apenas pessoas.

Desconfio que poderá soar excessivamente conveniente assinar uma introdução de um blogue que virou livro dizendo «tudo isto começou porque queria escrever um livro». Mas foi precisamente por isso. Foi precisamente por isso que tudo começou

## O que o Sr. Horácio não sabe

Foi à meia-luz de um restaurante italiano no Bairro Alto que contei pela primeira vez aos meus amigos a minha ideia. Ia criar um blogue chamado O Alfaiate Lisboaeta. Um blogue onde publicasse fotografias de pessoas que me despertassem a atenção pela forma como estivessem vestidas. Fotografias que eu mesmo iria fazer. Um riu-se de mim, outro perguntou-me (franzindo a testa ao máximo) por que raio haveria alguém de querer fazer isso, um terceiro chamou-me otário e os outros dois ou três acharam que ignorar-me era a forma mais sensata de me fazer perceber o quão estúpida era a minha intenção. Consensos havia dois: ideia parva, nome giro.

Não compro casacos por medida. Não que não gostasse. Simplesmente, para que o pudesse fazer, teria de abdicar de umas quantas viagens e igual número de excentricidades que se revelam mais preponderantes na determinação da minha felicidade do que a mais-valia existente entre trazer um casaco com as minhas medidas gravadas no corte e dirigir-me à San Giorgio, escolher o padrão que melhor interprete o que me vai na cabeça e pedir ao Sr. Horácio que me suba as mangas e arranje forma de me fazer sentir confortável dentro da porcaria de um casaco. O que o Sr. Horácio não sabe é que foi num desses dias, em que o tinha ao meu redor a tentar corrigir num casaco as minhas próprias insuficiências, que me ocorreu o nome para o blogue que deu origem a este livro. O tal nome giro para a ideia parva que andava a ocupar-me a cabeça. O nome do ofício do Sr. Horácio





Amanda  
Milão, Corso di Porta Ticinese



André  
Lisboa, Rua do Norte

Charlotte  
Lisboa  
Jardim do Campo Grande





### O casaco de xadrez

Quando há pouco tempo o meu afilhado me pediu uma sugestão para o seu primeiro fato disse-lhe por telefone: «Azul-escuro, dois botões e duas rachas.» A mesma sugestão que dava aos meus amigos quando, em vésperas de primeira oral na faculdade ou primeira entrevista de emprego, me diziam que queriam usar outro fato que não aquele que a mãe lhes tinha comprado um dia para irem ao casamento de uma prima de quem já nem se lembram do nome.

O azul-escuro será sempre a minha escolha para uma primeira peça. É possível que sugira um cinzento para uma segunda mas dificilmente à terceira não me ocorrerá a introdução do xadrez. Quando compramos um casaco de xadrez arriscamo-nos a:

- a) perder mais uma tarde a encontrar uma gravata adequada,
- b) ter o nosso chefe a olhar-nos de lado e
- c) receber elogios apenas das únicas mulheres do mundo que nunca o deixarão de fazer – as nossas avós. Mas como explicar-vos... é o xadrez



e parece iluminar-  
creto, onde lateja um  
transforma-se, assim  
nvenção da escrita  
contro, e nele me p

moviment  
as (-)



Timothy  
Londres, Soho



*Walking the red carpet*  
Vittoria, Nova Iorque



Jordan  
Paris, Pont d'Arcole

Senti que podia sentar-me. Sentei-me convencido de que já devo adivinhar as palavras certas, no tom certo, à hora certa. À espertalhão portanto. Mas tive sorte. E lá devo ter acertado no tom certo, no momento certo, para me sentar na mesa do casal certo quando lhes perguntei com um sorriso (quem sabe... com o número de dentes certo a descoberto):

– *So... where do you come from?* (Então, de onde são vocês?)

Fiquei a saber que o Niels vivia em Roterdão e que o quarto ao seu lado estava vago até lá aparecer uma francesa – a Alma – que entre o que o que viu do quarto e de quem lhe calhava ao lado decidiu ficar por lá enquanto cumpria o seu Erasmus. Não lhes perguntei quanto tempo foi preciso para se dar o primeiro ou o segundo clique ou passarem a ter dois quartos e duas camas, mas encontro-os, tempos depois, no final de uma semana em Lisboa onde Paris e Lovaina se juntam para celebrar o que quer que se tenha descoberto meses antes em Roterdão. E lá fui eu contente para casa que, para além de uma foto, tinha meia dúzia de linhas para partilhar aqui convosco. Porque lá por não negar que abordei estes dois e tantos outros porque simplesmente lhes gabei uma estética – muito ou pouco particular pouco interessa, uma estética da qual gostei – não significa que não tenha gozo suplementar em destinar nomes às caras que gosto de ver como (bem) mais do que cabides da roupa responsável por os ter fotografado um dia. Porque é mesmo assim. Não fosse assim e eu provavelmente não estaria, neste preciso momento, a escrever-vos de Milão, da casa de uma amiga que aqui fiz porque, precisamente, partilhei um dia com ela e uns amigos uma mesa e, depois de uns quantos copos, sugeri – já não sei em que língua – «vai uma foto?»

